



---

**Conversação e autofechamento: a discussão sobre encerrar os comentários na Folha de S. Paulo e o jornalismo midiaticado<sup>1</sup>**  
**Conversation and self-closing: the discussion about closing comments on Folha de S. Paulo and mediatized journalism**

Edu Fernandes Lima Jacques Filho

**Palavras-chave:** jornalismo online, circulação, conversação online, participação

A trajetória da participação em plataformas online admite alguns procedimentos conhecidos. Há convites para intervenção em modalidades de baixa complexidade, como os botões de ‘gostei’ e ‘curti’, e em outras que permitem maior elaboração reflexiva, como os comentários. Em 2025, na Folha de S. Paulo, um debate se estabeleceu a partir de uma coluna publicada no jornal (PEREIRA JORGE, 2025). Seriam os comentários dispensáveis para a experiência de leitura? Seriam um fardo aos próprios jornalistas? O questionamento da colunista ecoa um cansaço oriundo da dificuldade em se afirmar um diálogo entre partes que parecem ter descartado a possibilidade de convívio. Isso inclui, evidentemente, até a frustração inequívoca que há ao nos depararmos com ofensas e incivilidade.

A ombudsman do jornal, Alexandra Moraes (2025), repercutiu o texto e as respostas dos leitores. Ambas as publicações receberam centenas de comentários. A quantificação das mensagens poderia insinuar a disposição deliberativa dos públicos, mas o que significa o ensaio de autofechamento da Folha?

A mudança do papel de gatekeeper do jornalismo na era digital parece não repercutir nas redações. Se ele não é mais o intermediário exclusivo do discurso público,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao VII Seminário Internacional de Pesquisas em Miatização e Processos Sociais. POSCOM-UFSM. Santa Maria, RS. ECA-USP. São Paulo/SP.



---

pode ao menos investir para que esse não decaia na incomunicabilidade. A proposta do trabalho consiste em avaliar os problemas da renúncia dos jornais em hospedar discussões e o impacto de delegar essa função às plataformas de conteúdo. Concomitante a essa questão, interpretam-se indicativos recentes de que o jornalismo está perdendo relevância nas redes de socialização, o que talvez exija um *redesign* de suas ofertas através de *sites* e aplicativos móveis. A hipótese provisória aponta para a necessidade de estratégias de manutenção de comunidades de leitores que assegurem limites de convívio para a circulação midiática nos pontos de contato entre o público e que fortaleçam o papel dos meios jornalísticos.

### **1.1. Moderar, delegar ou renunciar.**

Abundam referências nos últimos anos a respeito da opção de muitos jornais em abdicar da seção de comentários. No Brasil, três entre os jornais online de maior projeção permitem o envio de comentários: O Globo, O Estado de São Paulo e Folha de S. Paulo. Especialmente na última década, a expansão em larga escala de plataformas como Facebook e Instagram fizeram os jornais acreditarem que a possibilidade de conversa migraria para as redes de socialização. Fora do Brasil, são variados os exemplos de encerramento de seção hospedada pelos próprios jornais: Reuters, CNN, NPR (SEELY, 2021). Um deles, Decode, já defunto, profetizava justamente a transposição para o Facebook e afins. Por outro lado, The New York Times apostou na funcionalidade ao incluir uma nova ferramenta de auxílio na moderação dos comentários, que alcançavam 12 mil ao dia (apesar do projeto também ter participação de uma gigante, Alphabet) (BAUMAN, 2017).

Entre os argumentos levantados para terminar a seção de envios, dois motivos se destacam: a baixa qualidade das intervenções e a necessidade de investir na moderação. Este último afeta muito particularmente os jornais locais e menores. Uma estratégia



---

comum na década passada era habilitar nos sites uma ferramenta do Facebook para que usuários comentassem como se estivessem na própria plataforma. O plugin de comentários do Facebook ainda é uma ferramenta empregada em alguns jornais.

Contudo, ao delegar a moderação dos comentários às plataformas, os jornais perdem tanto a deixa para construção de comunidades quanto o acesso a dados sobre seus leitores. Sem traçar o perfil desses, sem desenvolver conhecimento sobre o público, as organizações tropeçam noutro desafio corrente, obter novas formas de financiamento.

### **1.2. Um declínio do jornalismo nas redes de socialização.**

Relatórios recentes têm indicado uma diminuição do número de leitores nas maiores plataformas online. No Brasil, caiu o número de pessoas que usam X, Instagram ou Facebook para acompanhar notícias, de acordo com o Reuters Institute (2024). Internacionalmente, dados cruzados sobre o volume de leitores que vêm desses sites para meios noticiosos está em queda franca. O Facebook perdeu 67% dos encaminhamentos entre 2023 e 2024, o X perdeu 50% e o Instagram 27% (REUTERS INSTITUTE, 2024).

Essa situação ainda não reflete os impactos da proximidade, no mínimo questionável, entre os gestores de redes como Meta e X e o governo neoconservador dos EUA. A brecha, portanto, sugere o caminho inverso a ser perseguido pelos meios de comunicação. Um possível esvaziamento das maiores plataformas, inundadas por mensagens de ódio e com regras de tolerância e controle de conteúdo afrouxadas, aponta uma margem para o fortalecimento dos meios de comunicação: a manutenção de comunidades de leitores.

### **1.3. Manutenção de comunidades e fidelização de leitores.**



---

Em frentes distintas, teóricos e profissionais identificaram a oportunidade para o jornalismo se reinventar a partir do fomento a comunidades. Em congresso do Simpósio Internacional sobre Jornalismo Online (ISOJ, 2025), painelistas apontaram que a crise de credibilidade do jornalismo poderia ser superada desde a transparência e a proximidade com os públicos. Boa parte desse recurso estaria pautado na auto-referencialidade, algo discutido anteriormente por Fausto Neto (2006). A insinuação deste trabalho é noutra direção, de comunidades com elementos coesivos marcados pela expressividade e debate entre ideias.

A proposta de estimular o debate parece idealizada enquanto o Brasil possui um dos piores índices de identificação de notícias falsas do mundo (LJR, 2024) e as plataformas desafiam os poderes nacionais para remoção de conteúdos proibidos. Mas ainda assim ela corresponde a uma abordagem teórica e filosófica da comunicação condizente a uma visão de longo prazo. Sodré (2014, 2023) busca a fundação de uma ciência da comunicação baseada na ideia de comunalidade, o convívio com as diferenças. Precisamente, segundo o autor, trocas discursivas e transformações nos meios por via tecnológica não bastam para fundar o campo. A pesquisa em comunicação estaria, assim, sendo pautada por condicionantes técnicas e de mercado, perdendo de vista o prefixo ‘comum’ em comunicação. Não obstante, a ambiência midiática supõe a existência de projetos correlatos para alimentar esse campo além das armadilhas do progresso tecnológico. Isso inclui educação midiática, ampliação do debate com os públicos, formas alternativas de financiamento ao jornalismo e — como não? — resistência à racionalidade algorítmica, tema do último Seminário.

Stroud *et al* (2020) identificaram que leitores permanecem por mais tempo em sites que oferecem a possibilidade de comentários. Seja pelo valor de entretenimento, seja por buscar opiniões diversas, o público interessa-se pela conversação. Ademais, se a conversação for suspensa nos próprios sites noticiosos, os botões de compartilhamento,



---

onipresentes, tratarão de hospedar as falas em domínios pouco afeitos a alimentar o diálogo.

#### **1.4. O jornalismo teme os públicos? Mídia e processos sociais**

A pergunta sobre o autofechamento da Folha na seção de comentários parte de um pensamento comunicacional excludente. Contrapõe-se aos fluxos da mídia, de modo que pelo imperativo da circulação o debate ocorrerá com ou sem a anuência do jornal. Perde-se, entretanto, se a intenção avançar, a oportunidade de fortalecer sua relação com o público e moderar o debate com vistas ao bem comum. Indagar se a estrutura necessária para se manter a seção é compatível com a arrecadação atual é relevante, especialmente em jornais menores, mas o argumento da ocasião na Folha era de repúdio às manifestações agressivas dos leitores. The New York Times ampliou a curadoria de comentários com a promoção daqueles com melhor elaboração, segundo os moderadores. A percepção de um ambiente tolerante e gerenciado é ponto fundamental para o florescimento de um bom fluxo conversacional. A Folha permite que leitores respondam uns aos outros e exige que sejam assinantes identificados. Mecanismos de controle formal existem, resta considerar a forma do convite aos comentaristas. Depois de impor normas mais rigorosas para postagem em 2014 e 2016, o jornal poderia impulsionar uma modalidade de escuta dos públicos observada anteriormente por Reino e Bueno (2017), cujo mote é favorecer pautas que surjam da sua própria área de comentários.

O próprio Sodré (2020) contestou o potencial emancipatório dos meios de comunicação liberais. A “conversa civil” seria uma das promessas das trocas simbólicas no espaço público, hoje pautado também por algoritmos. Dentro desse jornalismo liberal, pondera-se, entretanto, as insinuações de ‘transbordamento’ que podem emergir dos próprios veículos estabelecidos, desde que os públicos reclamem algum grau de



---

autonomia. Os lampejos estão presentes na seção de comentários da Folha, ampliados pelo ensejo de término do contrato de expressão.

A seção de comentários é uma interface dupla. Primeiro, no sentido de *design*, a *affordance* de um formato eminentemente textual: uma lacuna a ser preenchida. A materialização de uma cultura midiática que favorece a disposição de oportunidades de colaboração, fomentada na internet pela *expectativa* compartilhada sobre como devem ser os comentários (sua extensão, limites de validade, abordagem). E, segundo, uma zona de contato no sentido que Fausto Neto (2024) trata. O atrito proveniente desse convívio pode condicionar as rotinas jornalísticas, ampliando o debate, e estimular o fluxo participativo no âmbito daqueles que ultrapassam o sentido de receptores e passam a ser partícipes.

Por último, Braga (2024) e Silveira (2024), em ocasião do último Seminário, evidenciaram as promessas não cumpridas pelas plataformas digitais. Os algoritmos das empresas de tecnologia não são arquitetados para nutrir o jornalismo online. É o argumento de crítica ao capital manifestado por Sodré. Há um pensamento quantitativo, da economia de aten o. Uma a o de fuga desse gerenciamento se faz necessário.   conveniente que as alternativas sejam, dentro dos limites existentes, alimentadas fora das ferramentas que essas plataformas oferecem, sem remeter aos plugins externos de Facebook ou mesmo às postagens de notícias nesses ambientes, cujo uso jornalístico vem decaindo.   hora de reivindicar um novo papel mediador para o jornalismo.

## Referências

BAUMANN, Nick. Have a comment? Leave a comment. The New York Times, 13 jun. 2017. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2017/06/13/insider/have-a-comment-leave-a-comment.html>. Acesso em: 30 mar. 2025.



**Anais de Resumos Expandidos  
VII Seminário Internacional de Pesquisas  
em Miatização e Processos Sociais**

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 7 (2025)

---

BRAGA, José Luiz. Algoritmo digital interacional. In: Plataformas, algoritmos e IA: questões e hipóteses na perspectiva da mídiatização. FERREIRA, Jairo *et al* (orgs.). Santa Maria, RS: FACOS-UFSM, 2024. Disponível em: <https://www.midiaticom.org/plataformas-algoritmos-ia-midiatizacao/>. Acesso em: 30 mar. 2025.

FAUSTO NETO, Antônio. Mutações nos discursos jornalísticos: da ‘construção da realidade’ à ‘realidade da construção’. In: FILIPPI, Ângela; SOSTER, Demétrio; PICCININ, Fabiana (orgs.). Edição em jornalismo: ensino, teoria e prática. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

FAUSTO NETO, Antônio. Circulação: da zona de passagem à ambiência de interpenetrações de sentidos. In: Plataformas, algoritmos e IA: questões e hipóteses na perspectiva da mídiatização. FERREIRA, Jairo *et al* (orgs.). Santa Maria, RS: FACOS-UFSM, 2024. Disponível em: <https://www.midiaticom.org/plataformas-algoritmos-ia-midiatizacao/>. Acesso em: 30 mar. 2025.

LATAM JOURNALISM REVIEW. Brasil e Colômbia são os piores em ranking de identificação de conteúdo falso online; fact-checkers não estão surpresos. Latam Journalism Review, 19 ago. 2024. Disponível em: <https://latamjournalismreview.org/pt-br/articles/brasil-e-colombia-sao-os-piores-em-ranking-de-identificacao-de-conteudo-falso-online-fact-checkers-nao-estao-surpresos/>. Acesso em: 30 mar. 2025.

INTERNATIONAL SYMPOSIUM ON ONLINE JOURNALISM. Building trust in journalism starts with transparency, panelists say at ISOJ. International Symposium on Online Journalism, 2025. Disponível em: <https://isoj.org/building-trust-in-journalism-starts-with-transparency-panelists-say-at-isoj/>. Acesso em: 30 mar. 2025.

MORAES, Alexandra. A Folha deveria fechar a seção de comentários. Folha de S.Paulo, 15 mar. 2025. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/alexandra-moraes-ombudsman/2025/03/a-folha-deveria-fechar-a-secao-de-comentarios.shtml>. Acesso em: 30 mar. 2025.

PEREIRA JORGE, Mariliz. Folha deveria excluir a seção de comentários. Folha de S.Paulo, 11 mar. 2025. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/marilizpereirajorge/2025/03/folha-deveria-excluir-a-secao-de-comentarios.shtml>. Acesso em: 30 mar. 2025.

REINO, Lucas; BUENO, Thaísa. Análise do uso dos comentários dos leitores de jornais por parte da imprensa—uma categorização. *Novos Olhares*, v. 6, n. 1, p. 75-89, 2017.



---

Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/131451>. Acesso em: 30 de mar. 2025.

REUTERS INSTITUTE FOR THE STUDY OF JOURNALISM. Digital News Report 2024. Oxford, 2024. Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2024>. Acesso em: 30 mar. 2025.

REUTERS INSTITUTE FOR THE STUDY OF JOURNALISM. Journalism, Media, and Technology: Trends and Predictions 2025. Oxford, 2025. Disponível em: <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/journalism-media-and-technology-trends-and-predictions-2025>. Acesso em: 30 mar. 2025.

SEELY, Megan. Don't read the comments for news sites? It might be worth the effort. Poynter Institute, 4 nov. 2021. Disponível em: <https://www.poynter.org/ethics-trust/2021/dont-read-the-comments-for-news-sites-it-might-be-worth-the-effort/>. Acesso em: 30 mar. 2025.

SILVEIRA, Ada Machado. Interação plataformizada no mundo multipolar: jornalismo, autocracia e democracia. In: Plataformas, algoritmos e IA: questões e hipóteses na perspectiva da midiatização. FERREIRA, Jairo *et al* (orgs.). Santa Maria, RS: FACOS-UFSM, 2024. Disponível em: <https://www.midiaticom.org/plataformas-algoritmos-ia-midiatizacao/>. Acesso em: 30 mar. 2025.

SODRÉ, Muniz. A ciência do comum: notas para o método comunicacional. Editora Vozes Limitada, 2015.

SODRÉ, Muniz. Jornalismo e Midiatização. In: Redes, sociedade e pólis: recortes epistemológicos na midiatização. FERREIRA, Jairo *et al* (orgs.). Santa Maria, RS: FACOS-UFSM, 2020. Disponível em: <https://www.midiaticom.org/redes-sociedade-e-polis/>. Acesso em: 30 mar. 2025.

SODRÉ, Muniz. A ruptura paradigmática da comunicação. MATRIZES, v. 17, n. 3, p. 19-27, 2023. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/217018>. Acesso em: 3 mar. 2025.

STROUD, Natalie J.; MURRAY, Caroline; KIM, Yujin. News comments: What happens when they're gone or when newsrooms switch platforms. Center for Media Engagement. <https://mediaengagement.org/research/comment-changes>. 2020.